

# A re-ligação: o encontro das religiões e o cristianismo na Teologia Teoantropocósmica

Paulo Agostinho Nogueira Baptista\*

## RESUMO

Vive-se uma demanda por integração, por solidariedade. As religiões e o cristianismo, em especial, podem responder a esse desafio? A visão de re-ligação de Leonardo Boff, à luz do paradigma ecológico, abre novas perspectivas para as religiões, especialmente para a experiência cristã e seu papel no contexto atual. Objetiva-se aqui refletir sobre o significado do encontro das religiões ante os desafios oferecidos pela realidade ecológica, propiciando uma visão teológica teoantropocósmica.

Palavras-chave: Re-ligação; Religião; Cristianismo; Paradigma ecológico; Teologia Teoantropocósmica; Diálogo.

\* Coordenador e Prof. de Cultura Religiosa da PUC Minas. Doutorando em Ciência da Religião pela UFJF.

NUM CONTEXTO DE CONFLITOS de toda ordem, de violência sem medida e de crise de sentido, urge que se encontre perspectivas de integração, de articulação e de solidariedade. Não seria a religião, justamente hoje em dia, um espaço para essa “construção” de unidade, respeitando-se a diversidade e a pluralidade.

A história das religiões não registra um balanço tão favorável à práxis da paz (BINGUEMER, 2001). Muitas guerras foram feitas em nome de Deus (ARMSTRONG, 2001), por mais “em vão” que tenha sido pronunciado esse nome que representa o Mistério, o “Inefável”, o “Sem Nome”.

Pensar uma teologia dialogal, na perspectiva do paradigma ecológico (BAPTISTA, 2001),<sup>1</sup> significa refletir e comprometer-se com o diálogo. E esse diálogo acontece entre todos os atores que se articulam para que o milagre da vida aconteça: Deus, o ser humano e a natureza. Aí acontece o diálogo teoan-

<sup>1</sup> Visão, efetivamente, dialética (mais que dialética, ela é circular, complexa) e interativa: tudo carrega informação, tudo tem história, dos átomos, das estrelas às amebas. Há uma interatividade de tudo e todos, todo o tempo.

tropocósmico. Esse conceito “teoantropocósmico” significa que “o divino, o humano e o cósmico são três dimensões reais e diferentes que constituem a realidade” (PANIKKAR, 1993, p. 69). E essas três dimensões da realidade formam um todo orgânico, indivisível e por sua vez diferenciado” (PANIKKAR, 1993, p. 69), ou seja, uma unidade dinâmica, ligada. E hoje precisa urgentemente ser “re-ligada”.

A idéia de re-ligação marcou a etimologia do conceito “religião”. Tem sua matriz na visão judaica, que fala de uma nova aliança (mosaica), uma vez que a primeira (na criação) foi rompida pelo pecado adâmico. O cristianismo recupera esse sentido dando-lhe mais destaque: pelo processo da encarnação-morte-resurreição de Jesus (o novo Adão) Deus restabeleceu a *nova aliança*, refez a ligação que o homem tinha rompido.

Lactâncio (260-340 d. C.) é dos primeiros autores a expressar essa significação de *re-ligação*. A matriz dessa palavra – religião –, porém, tem suscitado grande debate na História. Definila não é tarefa fácil. Sua origem etimológica tem sido referida ao termo *religio*. Segundo a Enciclopédia Polis (CHORÃO, 1987, p. 336), pode-se relacionar *religio* com *relegere* (reler ou ter respeito aos deuses para Cícero), com *religere* (re-ligar a Deus para Lactâncio e Agostinho) ou ainda, *reeligere* – escolher de novo a Deus (CHORÃO, 1987, p. 334-369).

Para M. Dhavamony, a etimologia de “Religião” tem sua origem em *religio*, “segundo a bem conhecida etimologia do termo de Cícero”, que deriva de *religere*: “estar atento, refletir, observar, manter unido, junto.” Tal significação se opõe à *negligere* (= negligenciar) e expressa a idéia de “cumprimento consciente do dever, reverente temor do poder superior”. Já para Lactâncio (260-340 d. C.) religião deriva de *religare* (= ligar, manter junto). Dhavamony afirma que “Embora não haja uma certeza no tocante à justeza dessas derivações etimológicas, a segunda [Lactâncio] foi adotada por Agostinho e dominou as visões teológicas da Idade Média” (DHAVAMONY, 1994, p. 746).<sup>2</sup> Apesar da riqueza e da complexidade dessa discussão etimológica, para o intento deste trabalho, considera-se suficiente o sentido que Leonardo Boff utiliza: *re-ligar*.

Leonardo recupera a idéia de *re-ligação*, dando-lhe nova perspectiva. Destaca que a modernidade acabou rompendo aquilo que sempre era ligado. A era do corpo (como ápice, a modernidade) cindiu a ligação existente na era do espírito (culturas ori-

<sup>2</sup> Para uma significação fenomenológica da religião (R. Otto e sua tese sobre *mysterium tremendum et fascinans* e Eliade sobre a *hierofania*), cf. SCHAEFFLER, Richard. **Filosofia da religião**. Lisboa: Edições 70, 1983, p. 83-88. Sobre definições sociológicas e abordagens antropológicas e históricas, sumárias, cf. BAUM, Gregory. Definições de religião na sociologia. In: **Concilium**, Petrópolis, v. 156, n. 6, p. 34-45, 1980 (todo esse número é dedicado ao tema da religião).

ginárias e ancestrais). A nova era, a *era da vida*, busca unir o que antes já era unido:

A vida supõe a teia de interdependência em todo o universo e revela, objetivamente, a re-ligação dos seres vivos como os inertes, da biosfera com a hidrosfera, a atmosfera e a geosfera. Da biosfera surgiu a noosfera, a esfera especificamente humana, caracterizada pela consciência reflexa, pelo espírito responsável e pela co-pilotagem do processo evolucionário. Daí resulta um novo sentido do que significa o ser humano e sua função no universo. Tudo é sinérgico. Tudo é ecológico, expressão desta completa sinergia e pericórese. Finalmente, o ser humano está descobrindo seu caminho de volta rumo à grande comunidade dos viventes sob o arco-íris da fraternidade/sororidade cósmica. (BOFF, **Dignitas terrae**, 1995, p. 122)<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Em razão do número de referências às obras de Leonardo Boff com o mesmo ano, optou-se por indicar, quando isso ocorrer, o título ou sua abreviação, ano e página.

Nesse processo, o judeu-cristianismo teve na História grande papel, por ser raiz fundamental da civilização ocidental. Com sua visão de Deus, de ser humano e do mundo, favoreceu o surgimento da ciência moderna, uma vez que “desdivinizou o mundo”, colocando o ser humano “a serviço do mundo”. Leonardo, baseando-se em F. Gogarten, afirma que “é comum dizer-se que a secularização e o mundo da racionalização são uma consequência dos princípios judeu-cristãos” (BOFF, 1970, p. 462). É claro que não se pode responsabilizar o cristianismo por toda a crise ecológica que a modernidade desencadeou e que se vive na atualidade. Mas também não se pode esquecer que as igrejas cristãs “não viram, em tempo, a legitimidade da secularização [...]. Encastelaram-se numa concepção fixista do mundo que nem mais bíblica não era” (BOFF, 1970, p. 463). Da visão aberta de serem os homens e as mulheres “imagens” e “semelhanças” de Deus, guardiães da criação e seus administradores, predominou, nos últimos séculos, uma compreensão despótica: “Dominador e escravizador das forças da natureza para o benefício individual e social” (BOFF, 1996, p. 46). Tal passou a ser a interpretação do “subjugar e dominar [pois] foram lidas no contexto da modernidade” (BOFF, 1996, p. 46).

Se o cristianismo representou a abertura ao mundo como realidade autônoma e lugar do exercício da criatividade humana, compreendendo o ser humano como co-criador, o fixismo de sua doutrina, em diversos momentos da história, também possibilitou a reação do secularismo com consequências teoantropocósmicas, quais sejam: o ateísmo, o ser humano-objeto e a ameaça de destruição da casa-terra. Leonardo apresenta diver-

sas questões teológicas que geraram muitas dificuldades e sofrimento:

A suspeita lançada sobre o corpo, o desprezo do mundo, a desconfiança acerca de todo prazer, da sexualidade e da feminilidade, o anúncio de um Deus desligado do mundo, o que favoreceu o surgimento de um mundo desligado de Deus. Tais elementos reforçaram a entrega do mundo à agressão humana. (BOFF, 1996, p. 47)

Mas ele também apresenta a positividade do cristianismo:

A afirmação da matéria por causa do mistério da encarnação, por causa dos sacramentos, especialmente da eucaristia; a ressurreição com transfiguração do mundo, da matéria e do corpo humano; a descoberta do caráter sacramental do cosmos, pois traz os sinais da próprio Deus; o mistério da criação que nos faz irmãos e irmãs de todos os seres, mística de confraternização emocionada vivida por São Francisco, Santa Clara e seus seguidores. (BOFF, 1996, p. 47)

Já em 1970, Leonardo se perguntava: “Será o homem capaz de assumir o poder sobre tudo aquilo que ele mesmo criou e evitar uma catástrofe cósmica?” (BOFF, 1970, p. 461). Essa pergunta, que aparece no contexto da reflexão sobre o humanismo, continua a se fazer presente: no futuro, os traços da experiência cristã estariam presentes na concepção de ser humano? E ele já afirmava: “Pela primeira vez na história, o conceito de escatologia foi secularizado. Não é só Deus que pode pôr fim ao mundo. O homem é também capaz disso” (BOFF, 1970, p. 461).

Diante dessa realidade, o papel das religiões e também do cristianismo passa a ser hoje fundamental, uma vez que o resgate da dimensão divina de tudo, das coisas às pessoas, abre o caminho para valorizá-las, respeitá-las: “Devemos resgatar a dimensão do sagrado que é a dimensão divina das coisas [...]. Porque resgatando o divino, você alarga a experiência do humano e trabalha as atitudes humanas: a reverência, o cuidado” (BOFF, 2000, entrevista não publicada).

Do encontro e do diálogo entre as religiões, pode surgir novo horizonte que transforme as condições de vida e as perspectivas de um futuro melhor. Que mudanças na compreensão do cristianismo contribuiriam para esse processo? Que cristianismo seria universalizável na teologia teoantropocósmica? Que compreensão da religação tornaria possível o encontro das religiões?

## A MUDANÇA NA COMPREENSÃO DO SIGNIFICADO DO CRISTIANISMO

No pensamento de Leonardo Boff, como já foi apresentado, não se encontra um processo linear, ou seja, há continuidades e descontinuidades. Seus primeiros textos estão marcados por grande influência do tema “secularização”, que pode ser compreendido pelo contexto do Concílio Vaticano II em sua abertura ao mundo.

Nas primeiras formulações de Boff sobre o cristianismo, observa-se essa presença forte da secularização. A contribuição do cristianismo, dessa forma, não se reduziria à “cristianização metafísica” da sociedade, pelo contrário,

residiria em que conteúdos de sua vivência e fé fossem cada vez mais secularizados e vividos por todos, embora falte sua referência genética para com o cristianismo. Quando ela se dá, tanto melhor. O importante, porém, é que aquilo que o Cristo quis e o cristianismo testemunha, seja vivido pelo maior número de homens possível, pouco importam suas cosmovisões e estatutos metafísicos. O cristianismo triunfará, não quando a grande maioria utilizar a etiqueta cristã, mas quando grande número de homens viver, concretamente, mesmo sob a capa da secularização, a mensagem trazida por Cristo. [...] O Cristianismo, como humanismo, passará a existir fora dos limites cristãos. Ele poderá assumir seu contexto cultural e metafísico próprio. Poderá e deverá ser pluralista, sem com isso deixar de ser estrutural e secularmente cristão. (BOFF, 1970, p. 468)

Percebe-se que Boff já assumia concepção bastante aberta do papel do cristianismo na História. O que importa não é o cristianismo, mas a vida que ele gera. Numa linha parecida, situa-se a afirmação (1973) de que o cristianismo “anuncia o absoluto Futuro, Deus, como o mistério inefável que será sempre futuro porque jamais deixará de ser mistério” (BOFF, 1973, p. 36). E sua missão “é ser um gérmen de esperança no mundo; é manter permanentemente a abertura para o Futuro absoluto. Nem o Papa, nem os Bispos, nem os Dogmas, nem a Escritura podem fechar essa abertura [...]” (BOFF, 1973, p. 40).

Tais afirmações podem perfeitamente ser mantidas na perspectiva do paradigma ecológico. Parecem, porém, absolutamente contrastantes com outra afirmação da mesma época que, tratando da “articulação institucional do cristianismo” (a Igreja Católica Apostólica Romana), diz: “Ela não esgota a estrutura crística, nem se identifica pura e simplesmente com o cristianismo. Mas é sua objetivação e concretização *institucional* mais perfei-

ta e acabada [...]” (BOFF, 1979, p. 279). Essa afirmação seria impensável hoje no paradigma ecológico! E também na perspectiva do diálogo inter-religioso. Evidentemente, os cristãos católicos têm essa percepção e vivem essa fé. A Igreja significa o sacramento de Cristo no mundo. Ela não pode ser pensada como “superioridade” ou com “arrogância”.

Em suas últimas reflexões sobre o cristianismo, no paradigma ecológico, a tônica muda totalmente. O cristianismo é relativizado em sua objetivação e tem nova missão: “É chamado, junto com outros, a salvar a humanidade sob grave ameaça de autodestruição” (BOFF, 1999, p. 210-211). Para isso, “deverá, antes de mais nada, relativizar radicalmente sua inculturação Ocidental, somente assim é habilitado a se globalizar e ser aceito pelas culturas mundiais” (BOFF, 1999, p. 210-211). Descontinuamente, tais posições parecem estar muito próximas de suas reflexões marcadas pelo tema da secularização, como vimos no início dessa unidade: um cristianismo “como humanismo”, fora dos “limites cristãos”.

A visão de Leonardo Boff sobre o cristianismo, no paradigma ecológico, choca-se frontalmente com a visão apresentada, por exemplo, na Declaração *Dominus Iesus*, que busca fazer reviver o *extra ecclesiam [catholica] nulla salus*. Tal posição da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé revela que o “catolicismo romano constitui um corpo altamente hierarquizado, transnacionalizado e de pesada rigidez institucional” (BOFF, **A voz do arco-íris**, 2000, p. 181). O cristianismo, porém, possui outras formas de expressão eclesial. A visão oficial encontra-se “fortemente questionada por outra maneira de ser Igreja: a Igreja-rede-de-comunidades-de-base, que configura uma alternativa de organização e de poder na Igreja, um verdadeiro projeto popular de Igreja” (BOFF, **A voz do arco-íris**, 2000, p. 181-182). Que papel essa forma eclesial tem a desempenhar no novo paradigma? Há outras chances de universalização e de globalização do cristianismo?

#### O CRISTIANISMO UNIVERSALIZÁVEL NA TEOLOGIA TEOANTROPOCÓSMICA

Numa primeira expressão de sua mudança de paradigma, em 1992, aparecendo timidamente na última página do livro **América Latina**: da conquista à nova evangelização, Boff diz:

Num mundo ameaçado ecologicamente, a questão não reside em decidir que futuro possui o cristianismo, mas em responder em que medida o cristianismo ajuda a salvar o criado e garantir a vida em suas várias formas e em seu mistério. Se o cristianismo significar um serviço concreto à vida, ele terá sempre futuro. Entretanto, a preocupação não deverá ser com o seu futuro, mas com o futuro dos seres humanos e com a qualidade de vida do processo ecológico global. (p. 141)<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Como foi observado anteriormente, esse livro não configura explicitamente uma posição teológica no novo paradigma, apesar de não estar em contradição com ele. Apenas na última página, há uma referência ao processo ecológico.

Articula-se, assim, a perspectiva do cristianismo com a missão de garantir a vida para todos, do mais ameaçado, que é o pobre, aos seres todos da natureza. Sem essa atitude diante dos atuais “sinais dos tempos”, o cristianismo perderá sua significação conquanto “sacramento” da presença de Deus.

Tal missão é concebida hoje em integração com todas as forças, religiosas ou não, que buscam preservar a vida. Leonardo diz que a “nova civilização incorpora e transfigura as contribuições de todas as culturas e das grandes tradições espirituais da humanidade no contexto de uma grande consciência planetária, de um novo tipo de cidadania, a cidadania terrenal e duma nova aliança com a natureza” (BOFF, *Nova era...*, 1998, p. 49).

Mas, para que essa nova missão se realize, deverá o cristianismo superar sua tendência histórica, entre as várias confissões, de ser um “cristianismo de conquista e dominação” (BOFF, *Nova era...*, 1998, p. 49). Deverá resgatar sua expressão profética, o carisma do serviço e do cuidado com os últimos e os menores. Deverá ser um “cristianismo de libertação”, um cristianismo como “rede-de-comunidades”, já que esse é um cristianismo “benfazejo à planetização porque renuncia aos mecanismos de dominação e valoriza cada expressão cultural [...]” (BOFF, *Nova era...*, 1998, p. 52).<sup>5</sup>

É importante atentar para uma distinção que Leonardo postula, qual seja: a fé cristã é universalizável, não a religião cristã! Essa distinção, segundo ele, tem sentido porque é comum o processo de identificação da fé com a religião.<sup>6</sup> Quando isso acontece, surge a exclusão, a recusa dos que são diferentes, os conflitos e até guerras. Esquece-se de que a religião é “tradução”: “O que desagrega os homens/mulheres não é a fé (experiência do Mistério), mas as religiões (interpretações do Mistério) que se identificam com a fé” (BOFF, *Nova era...*, 1998, p. 52).

Então, se a fé é que abre a perspectiva globalizante, que elementos da concepção de fé cristã são universalizáveis?

Leonardo chama a atenção para a *experiência originária*, que

<sup>5</sup> Cf. também BOFF, L. *Ética da vida*, p. 159-171 e p. 199-215; *A voz do arco-íris*, p. 181-202; *Depois de 500 anos*, p. 102, 104-107.

<sup>6</sup> Aqui aparece mais uma aproximação entre o pensamento de BOFF e PANIKKAR. Cf. em PANIKKAR, R. *Il dialogo intra-religioso*, p. 76.

precisa ser resgatada. Primeiramente, a *utopia* como sentido global e último da realidade: “Tudo está destinado a conservar-se no ser, a chegar a uma plena realização e a ser totalmente transfigurado” (BOFF, **Nova era...**, 1998, p. 53). A ressurreição é a expressão dessa utopia e dessa esperança.

Daqui nasce o significado da *aliança* que Deus estabeleceu com os homens desde a experiência judaica. O símbolo dela é o *arco-íris* e mostra a universalidade e a abertura à totalidade, sentido bem distinto da tão propalada e excludente idéia de *eleição*: “Uma ideologia da eleição que, historicamente, justificou tantas exclusões e massacres de outros povos” (BOFF, **Nova era...**, 1998, p. 53).

Tal aliança, no cristianismo, foi expressa pela idéia de *Reino*, tema central da pregação de Jesus: “Não é um território, mas um modo de ser ou uma situação na qual reina a justiça, vigora a misericórdia, impera o amor, triunfa a vida e floresce a interiorização de Deus nas pessoas e na criação” (BOFF, **Nova era...**, 1998, p. 53).

O Reino de Deus surge onde a vida é defendida e promovida. É manifestação da utopia, do sonho, da total libertação, tanto daquilo que limita e impede o encontro e a aliança entre pessoas e seres, quanto é libertação “*para* tudo o que resgata a direção originária e *para* tudo o que faz evoluir para os lados e para cima toda a criação” (BOFF, **Nova era...**, 1998, p. 54). E a *Ressurreição* é a esperança que alimenta esse sonho: “A plenificação e transfiguração de todos e cada um dos seres [...] e para a totalidade do universo” (BOFF, **Nova era...**, 1998, p. 54).

Se o cristianismo for expressão dessa fé (utopia do Reino transfigurado), ele é universalizável, uma vez que é capaz de se relativizar sempre. Esta é uma fé universalizável, pois

não exclui nada [...] em seu potencial de esperança e afirmação da criação e de suas possibilidades [...] afirma o sentido da existência, a complexidade e unidade do universo e a destinação suprema da vida na Vida do próprio Deus. Essa mesma fé se expressou em todas as culturas, na pluralidade de religiões e das experiências do Divino e do Sagrado (BOFF, **Nova era...**, 1998, p. 54-55).

A originalidade do cristianismo revela-se, portanto, segundo Leonardo, no conceito de *transdescendência* – o processo de descida-encarnação-imanência e de subida-transfiguração-transcendência. Esse conceito e, ainda, o resgate da limitação e da fragilidade humana, desde o mais pobre até a plenificação de tudo



e todos na ressurreição, apresentam-se como sentido da práxis, a qual transparece através do diálogo, do encontro, do acolhimento, do cuidado, da solidariedade e da sororidade, testemunhos do Deus vivo e expressão da Vida pelos seus filhos e filhas (Cf. BOFF, **Tempo de transcendência**, 2000). Leonardo utiliza a palavra “transdescendência” para significar que Deus se encarna no mais pobre, desce aos infernos e se transfigura, transcende pela ressurreição. Mas, para o cristianismo, não é a transcendência nem a imanência que são importantes, é o testemunho da vida: “É a transparência, que é a presença da transcendência dentro da imanência. Não é a epifania, o Deus que vem e se anuncia. É a diafania, o Deus que, de dentro, emerge para fora, de dentro da realidade, do universo, do outro e do empobrecido” (BOFF, **Tempo de transcendência**, 2000, p. 80).

Mas de que forma o encontro das religiões pode produzir, efetivamente, a re-ligação?

#### A RELIGAÇÃO: O ENCONTRO DAS RELIGIÕES E DE TODOS COM TODOS

As religiões, na concepção de Boff, são metafísicas, projeções da insatisfação e da “protest-ação” humana, pois o ser humano não aceita a realidade tal qual ela é: “O que é não pode ser verdade” (ALVES, 1979, p. 18). São, talvez, as primeiras e mais arcaicas representações de nossas projeções (BOFF, **Tempo de transcendência**, 2000, p. 22-24). Para Leonardo Boff, essas interpretações, traduções ou “metafísicas” são representações que têm valor, já que apontam para algo anterior a elas: a experiência originária (BOFF, **Tempo de transcendência**, 2000, p. 24-28). Seu valor reside na experiência originária representada. Essa experiência é a *ex-istência* em sua dinâmica imanente e transcendente, sempre em processo, enraizando-se e abrindo-se para cima e para os lados. No ser humano, essa *ex-istência* é consciente e reflexa: ele se sabe em antropogênese. Percebe sua finitude e a sua sede de infinito, de transcendência, seu desejo pelo Mistério.

É aqui que nascem as religiões, como resposta ao desejo de infinitude humana. Juan Arias (1999), na abertura de seu livro **Um Deus para 2000**, cita uma frase muito significativa de Saramago: “Deus é o silêncio do Universo e o homem é o grito que

dá sentido a esse silêncio”. O ser humano grita por sentido, um sentido infinito, e Deus é sua resposta, como profundo e eloqüente silêncio, que reverbera tanto a ponto de talvez, em todos os tempos, ser a questão sobre a qual mais se falou e mais se escreveu.

Leonardo cita um belíssimo poema de Rumi, um místico sufi, considerado por ele como o maior “de todas as tradições religiosas do amor”, que revela essa busca permanente do ser humano pelo Mistério, pelo Amor Infinito:

Teu amor chegou ao meu coração e partiu feliz.  
Depois retornou e me colocou o gosto do amor.  
Mas mais uma vez foi embora.  
Timidamente lhe pedi que ficasse comigo alguns dias.  
Então veio, sentou-se junto a mim e se esqueceu de partir.<sup>7</sup>

Todos os grandes místicos – São João da Cruz, Santa Teresa, Mestre Eckhart, São Francisco – expressam essa busca de forma semelhante. Deus é a resposta e o sentido que coloca em movimento tantas pessoas, em toda a História, fazendo surgir as diversas metafísicas, as múltiplas interpretações e traduções de uma experiência de encontro com o Mistério, ou seja, as religiões.

A origem etimológica da palavra religião, como já se apresentou, indica um significado que expressa, de forma feliz, o sentido dessa realidade para o paradigma ecológico: re-ligação.<sup>8</sup> Se hoje se torna fundamental falar em religação, isso se deve à “des-ligação” operada pela modernidade, que cindiu o que antes era ligado: Deus-homem-cosmos.

A função da religião no contexto civilizacional atual é oferecer as condições para o encontro, para que seja refeita a aliança teoantropocósmica. Ela tem papel pedagógico fundamental: a sensibilização de todos para com sua responsabilidade pelo cuidado e a preservação da Vida e da Terra-Casa-comum. Leonardo diz que a

missão de uma religião ou de um caminho espiritual é manter viva a memória sagrada do elo que tudo liga e re-liga; é realimentar a percepção de que as coisas não estão jogadas aleatoriamente, mas que tudo está interconectado formando um todo e uma história cósmica, terrena e humana; e, finalmente, é dar um nome à Fonte de ser e de sentido, origem de tudo, de onde tudo jorra e para onde tudo caminha, chamando-a por mil nomes ou simplesmente Deus (BOFF, **Oração de São Francisco**, p. 32).

<sup>7</sup> Cf. RŪMĪ, Djalâl-od-Dîn. **Rubâi'yât**. Paris: Albin Michel, 1989, p. 65, *apud* BOFF, L. **Tempo de transcendência**, p. 71. No texto de Boff, aparece essa citação depois de duas outras estrofes: “Quando estás comigo, o amor não me deixa dormir. E quando não estás comigo, as lágrimas não me deixam dormir”.

<sup>8</sup> Para um acompanhamento dessa temática em BOFF, cf.: **Nova era**, p. 71; **Dignitas Terrae**, p. 119-134; **A águia e a galinha**, p. 88-89; **O despertar da águia**, p. 25; **Oração de São Francisco**, p. 31-32; **Ethos mundial**, p. 127-134; e ainda: O magistério do universo. In: ROCHA, Zildo (Org.). **Hélder, o Dom**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 161-162; Ecocídio e biocídio. In: SADER, Emir. **7 Pecados do Capital**. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 51-55.

Aqui as religiões se encontram. Diante do Mistério de mil nomes, não há diferenças, divisões. Nenhuma, sozinha, é ou pode considerar-se a monopolizadora dessa experiência. Conquanto “tradução” ou interpretação de uma experiência, todas são relativas, mas, ao mesmo tempo, são abertas e se completam: “Conhecendo e respeitando as diferenças, somos enriquecidos na identidade da fé comum que possui uma dimensão pessoal, comunitária, cósmica e divina” (BOFF, **Nova era...**, 1998, p. 55).

A nova civilização que deve nascer da consciência ecológica será “religiosa ou não será” (BOFF *apud* SADER, 1999, p. 51). Ou será capaz de refazer a ligação teoantropocósmica ou se destruirá pela dinâmica da fragmentação, da reificação, da competição e da destruição dos liames que sustentam a Vida, tanto social quanto cósmica. Sem o respeito à natureza, o ser humano verá esgotarem-se as condições que equilibram o tênue fio da vida. Rompido com o outro, especialmente os mais pobres, verá crescer a violência, a inveja e o egoísmo autodestrutivo. Sem Deus, sentido e razão da Vida, o ser humano verá crescer sua solidão, sua insatisfação jamais respondida, o absurdo.

Vivemos o momento de uma “perigosa travessia”. As religiões têm o potencial de ser agentes de uma conversão profunda. Podem levar o ser humano a descobrir a espiritualidade, a transcendência. A própria crise tem feito crescer o interesse pela religião, pelo espiritual. Mas o lado *demens* do ser humano é capaz de instrumentalizar isso, de explorar essa busca, transformando a “religação” em mercadoria (BOFF, **A religião da mercadoria**, 1992, p. 3-9).

Leonardo Boff acredita que, mesmo no cenário mais catastrófico, social e ecológico, se abrirá “espaço para um novo rearranjo” (BOFF, **A perigosa travessia para a República Mundial futuro**, 2000, p. 221). Uma nova sensibilidade nascerá, haverá nova articulação de pessoas, dos seres humanos com a natureza e com o Sentido Derradeiro:

O ser humano descobrirá o espiritual como dimensão objetiva do cosmos e de cada ser humano. É dimensão de interioridade e história inerente a cada coisa. É aquela consciência que se sente inserida num todo maior e percebe o fio secreto que perpassa tudo, formando uma incomensurável unidade dinâmica, diversa e convergente. Esse fio condutor vivo e irradiante será decifrado como Deus, que se revela em nosso coração com o entusiasmo de viver, de lutar, de criar e de plasmar a vida e a natureza consoante um propósito de sabedoria, de amorização e de beleza (BOFF, **A perigosa travessia para a República Mundial futuro**, 2000, p. 224).

E a religião terá papel fundamental nessa sensibilização promovendo a religação. Mas como isso poderá ser feito? Que práxis poderá nascer dessa teologia teoantropocósmica que efetivamente produza o diálogo e o encontro de todos com todos? Que perspectivas praxísticas a teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff oferece para o diálogo inter-religioso?

Essas questões foram refletidas em artigo anterior, nessa mesma revista (BAPTISTA, 2003, p. 55-72). Apontava-se ali para a “dialogação” como práxis do diálogo inter-religioso em três aspectos: a dialogação espiritual (oração e mística), a dialogação fraterna (a fraternidade universal suscitada pela visão ecológica) e a dialogação ética (a re-ligação cósmica e a construção de uma democracia que respeite a dignidade de tudo e de todos). Como tem repetido Hans Küng: “Não haverá paz entre as nações, se não existir paz entre as religiões. Não haverá paz entre as religiões, se não existir diálogo entre as religiões. Não haverá diálogo entre as religiões, se não existirem padrões éticos globais” (KÜNG, 2004, p. 17). A dialogação, portanto, é a práxis da religação.

## CONCLUSÃO

O conceito de religião como “re-ligação” oferece, no paradigma ecológico, perspectivas de articulação e de integração. Isso não significa uniformidade, nem negação da diferença e do caráter irreduzível das religiões (TEIXEIRA, 1998). O outro não pode ser reduzido a um aspecto comum: “O outro, não totalizável, não englobável num horizonte comum” (SUSIN, 2005, p. 127).

O cristianismo, nos últimos tempos, através da longa caminhada do Conselho Mundial de Igrejas, das transformações propiciadas pelo Concílio Vaticano II, em todos os continentes, tem dado passos significativos para o diálogo inter-religioso. João Paulo II será lembrando sempre como o pontífice que mais trabalhou para que esse diálogo acontecesse. Suas inúmeras viagens, encontros e momentos orantes inter-religiosos são exemplo disso. Marcantes também são suas palavras, como a encíclica **Ut unum sint** (JOÃO PAULO II, 1995). Encarna-se em ações e palavras a mensagem amorosa de Jesus e o projeto do Reino de Paz e Justiça, para todos, universalizáveis em todo tempo e lugar.

Sem dúvida, a religião é importantíssima no processo de “re-construção” dessa “re-ligação” e na promoção da “dialogação”. Diante da crise que vivemos, todas as religiões e, especialmente, o cristianismo têm responsabilidade imensa hoje. Deve-se recuperar o espaço orante e místico, promovendo a fraternidade de todos. Para os cristãos, isso significa fidelidade à sua própria visão de Deus (Deus-conosco, Amor-encarnado em Jesus de Nazaré). Por fim, a oração e a fraternidade deve traduzir-se na luta pela dignidade de toda a vida e na construção de uma sociedade justa, igualitária e inclusiva, início da realização do Reino, quando “todos ao levantar a vista, veremos nesta terra reinar a liberdade” (MACHADO, 1999), mas que se plenificará um dia, escatologicamente, sem tempo e sem lugar.

#### ABSTRACT

Nowadays there is a demand for integration and solidarity. Can religions and Christianity, in particular, meet this challenge? Leonardo Boff's vision of *re-connection*, in the light of the ecological paradigm, opens new perspectives to religions, mainly to the Christian experience and its role in the present scope. This article aims at reflecting upon the meaning of *encounter of religions* in face of challenges presented by the ecological reality, offering a theanthropocosmic theological view.

Key words: Re-connection, Religion, Christianity, Ecological paradigm, Theanthropocosmic Theology and Dialogue.

#### Referências

- ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Petrópolis: Vozes, 1979.
- ARAÚJO, Washington. **Quem está escrevendo o futuro?** 25 textos para o século XXI. Brasília: Letraviva, 2000.
- ARIAS, Juan. **Um Deus para 2000**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ARMSTRONG, Karen. **Em nome de Deus: o fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. A dialogação: a práxis do diálogo inter-religioso no paradigma ecológico. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 55-72, 2 sem. 2003.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Diálogo e ecologia**: a teologia teoantropocômica de Leonardo Boff. 2001. 221f. Dissertação (Mestrando em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

BAUM, Gregory. Definições de religião na sociologia. **Concilium**, Petrópolis, v. 156, n. 6, p. 34-45, 1980.

BINGUEMER, Maria Clara L. (Org.). **Violência e religião**: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo. São Paulo: Loyola, 2001.

BOFF, L. **A águia e a galinha**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOFF, L. A perigosa travessia para a república mundial. In.: ARAÚJO, Washington. **Quem está escrevendo o futuro?** 25 textos para o século XXI. Brasília: Letraviva, 2000.

BOFF, L. A religião da mercadoria. **Concilium**, Petrópolis, v. 241, n. 3, p. 3-9, 1992.

BOFF, L. **A voz do arco-íris**. Brasília: Letraviva, 2000.

BOFF, L. **América Latina**: da conquista à nova evangelização. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

BOFF, L. Cristianismo fator de um humanismo secular planetário. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 64, n. 6, p. 462, ago. 1970.

BOFF, L. Cristianismo: religião na qual a utopia se tornou utopia. **Revista de Cultura Vozes**, Petrópolis, v. 67, p. 36, 1973.

BOFF, L. **Depois de 500 anos**: que Brasil queremos?. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, L. **Dignitas terrae**: ecologia, grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995.

BOFF, L. Ecocídio e biocídio. In: SADER, Emir. **7 pecados do capital**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BOFF, L. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**: a emergência de um novo paradigma. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

BOFF, L. Entrevista (não publicada). Araras, 13 de novembro de 2000. Entrevista realizada na residência de L. Boff, por Paulo Agostinho N. Baptista e José Ayrton N. Baptista. Pesquisa para a dissertação “Diálogo e Ecologia”, do PPCIR-UFJF.

BOFF, L. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Brasília: Letraviva, 2000.

BOFF, L. **Ética da vida**. Brasília: Letraviva, 1999.

BOFF, L. **Jesus Cristo Libertador**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

BOFF, L. **Nova era**: a civilização planetária: desafios à sociedade e ao cristianismo. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

BOFF, L. **O despertar da águia**: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOFF, L. O magistério do universo In: ROCHA, Zildo (Org.). **Hélder, o Dom**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOFF, L. **Oração de São Francisco**: uma mensagem de paz para o mundo atual. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

BOFF, L. **Tempo de transcendência**: o ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

CHORÃO, João Bigotte (Dir.). **Polis**: Enciclopédia Verbo da Sociedade e do Estado. Lisboa: Verbo, 1987.

DHAVAMONY, M. Religião: I. Definição. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. **Dicionário de teologia**. Petrópolis: Vozes, 1994.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-: João Paulo II). **Ut unum sint**. São Paulo: Paulinas, 1995.

KÜNG, Hans. **Religiões do mundo**: em busca dos pontos comuns. Campinas: Verus, 2004.

LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. **Dicionário de teologia**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MACHADO, Pe. Manuel. Canto Maria. Música da CF 1999. São Paulo: Salesiana, 1999, p. 178.

PANIKKAR, R. **Il dialogo intrareligioso**. Assisi: Cittadella Editrice, 1988.

PANIKKAR, R. La visión cosmoteándrica: el sentido religioso emergente del tercer milênio. **Selecciones de Teología**, v. 32, n. 115, p. 69, jan/mar. 1993.

ROCHA, Zildo (Org.). **Hélder, o Dom**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

RÛMÎ, Djalâl-od-Dîn. **Rubâi'yât**. Paris: Albin Michel, 1989.

SADER, Emir. **7 Pecados do Capital**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SCHAEFFLER, Richard. **Filosofia da religião**. Lisboa: Edições 70, 1983.

SUSIN, Luiz Carlos. O absoluto nos fragmentos: a universalidade da revelação nas religiões. In: TOMITA, Luiza E.; VIGIL, José Maria; BARROS, Marcelo. **Pluralismo e libertação**: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã. São Paulo: Loyola, 2005.

TEIXEIRA, Faustino. A teologia do pluralismo religioso em Claude Geffré. **Numen**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 45-83, jul./dez. 1998.

TOMITA, Luiza E.; VIGIL, José Maria; BARROS, Marcelo. **Pluralismo e libertação**: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã. São Paulo: Loyola, 2005.